

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — De Gaulle fez um comício ontem, no Vel' d'Hiv', e agora, nesta tarde de domingo, os comunistas estão defilando da Bastilha à praça da República, para comemorar aquela jornada confusa e triste de fevereiro de 1946.

O discurso do general foi parecido aos que tem feito nestes últimos dois anos, apenas levemente conciliador em relação ao centro. Mas continua aquela arrogância um tanto chôcha, por exemplo: "a união (nacional) deve ser feita em torno de nós, e não de outro modo". Como alternativa ao comunismo o general oferece algo de vago e sutil às massas francesas, uma "associação", uns "contratos dentro das empresas", em virtude dos quais "cada um deve ter sua parte na propriedade do que é produzido em comum" — aí compreendidos os capitalistas, o trabalhador, o técnico e o responsável.

Essa perspectiva não parece seduzir muito a ninguém, e achei o partido do general bem mais fraco que há dois anos atrás. Perdão! O general insiste em explicar que seu partido não é um partido, é um "rassemblement du peuple", um movimento — em resumo, continua a explicar à França, em 1950, o que o nosso caro Plínio Salgado explicava ao Brasil em 1934.

O que, afinal de contas, é falta de imaginação.

• • •

Leio num jornal que o brasileiro Albert de Mendonza, chefe de orquestra, está processando Claude Rostand, crítico de "Carrefour". Ainda bem que esse nosso patricio não está sozinho nesse papel ridículo de processar crítico: há também um pianista, Walter Rummel, que processa o crítico do "Figaro", e Sacha Guitry, que processa o crítico de "France-Soir". Cada um dos dois primeiros pede um milhão de francos de indenização; Sacha Guitry não faz a coisa por menos de 8 milhões.

• • •

Um semanário, "France-Dimanche" teve a idéia de organizar uma equipe de psicanalistas para explicar o significado dos sonhos de seus leitores. Nada de palpites para o jogo do bicho — tudo "científico", com muitos recalques e complexos disfarçados da maneira mais estranha. Que idéia brilhante para certa imprensa nossa — e que farra de "freudismo" que isso não daria no Brasil!

Mas a França não fornece apenas maus exemplos. Fico pensando também no Brasil quando leio que o ministro de Comunicações resolveu mandar parar com quatro programas de rádio, inclusive um dirigido por Maurice Dekobra, acusando-os de "vulgaridade".

É verdade que aqui, em virtude da colaboração que quase todas as estações prestaram aos nazistas, só existe hoje a radiodifusão oficial, ao passo que no Brasil temos rádio oficial e rádio particular. Mas que estrago horrível não faria aí esse exigente senhor Teitgen!

24.2.50

R. B.